ensaios



Mudança na amarração da angústia

Colette Soler

Enfatizei da última vez que, à diferença dos demais afetos, "a angústia era um afeto amarrado". Por que falar, então, de uma mudança na amarração da angústia?

A expressão não é minha, mas de Lacan, e está no fim do comunicado do *Ato analítico*, texto de junho de 1969[1]. Lembro a data prque, em razão de sua importância, voltarei a ela. A partir dela, podem ser feitas duas questões. Onde interveio essa mudança? No contexto em que Lacan fala, é bem claro que ele se refere a uma mudança na civilização, mas podemos também nos perguntar se ela não existe na teoria analítica no que diz respeito à conceituação da angústia. Farei, então, dois desenvolvimentos: um que concerne à civilização, para tentar ver de que mudança se trata, e, em seguida, outro sobre a mudança na psicanálise. O segundo desenvolvimento é o que mais me interessa.

[1] Lacan. *O ato psicanalítico* (1969, p. 378)

Para falar de uma mudança na civilização, é preciso visualizar um tema em que ainda não toquei, ou seja, as condições de discurso da angústia. Pelo que pude evocar na primeira parte desse seminário, a angústia está ligada às condições de linguagem, ao ser falante, ao fato, como diz Lacan, de o falante "aspirar no nascimento à linguagem do Outro".

O que Freud chamava "a civilização" e Lacan, "discurso", é uma ordem do mundo, uma ordem dos laços sociais. Dito de outra forma, uma regulamentação coletiva dos desejos e dos gozos admissíveis ou prescritos no laço social. Pois bem, essa regulamentação tem a linguagem como condição: se um discurso regula os desejos e os gozos, ele evidentemente regula também as oportunidades de angústia, as conjunturas da angústia. Por essa razão, intitulei um dos desenvolvimentos: *Os discursos-tela*. Fiz isso precisamente para dizer que os discursos, de acordo com as épocas, produzem mais ou menos conjunturas de angústia.

O discurso do mestre antigo não era um discurso angustiante. Havia violências, desigualdades e guerras, mas isso é uma coisa diferente das conjunturas da angústia. Já no que diz respeito ao discurso capitalista, parece relativamente claro que ele multiplica não somente os traumas, mas também as condições de angústia. Por quê? Creio que essa particularidade do

discurso capitalista está ligada ao fato de ele produzir a precariedade em todos os níveis. Por exemplo, no trabalho, fala-se do trabalho precário, mas fala-se também, positivamente, da mobilidade social, das reconversões possíveis; tudo isso pertence ao âmbito da precariedade; na vida conjugal, é visível que os casais estão completamente separados do que diz respeito à ordem social, cultural, econômica e familiar. Eles só respondem por suas escolhas individuais, algo que resulta na contingência e na fragilidade dos laços conjugais, ameaçados pela precariedade das famílias, que se evidencia em famílias dilaceradas, recompostas e instáveis. Como resultado, cada indivíduo é permanentemente ameaçado pela iminência de um "deixar cair". No fundo, todos são ameaçados pela possibilidade de se reduzirem a um objeto dejeto. Sim, um objeto, seja no trabalho, na vida conjugal, na família, nas amizades etc. Refiro-me, portanto, à iminência dessa ejeção, que no fundo reduz cada indivíduo ao seu corpo, mas o reduz de fato, e não fantasmaticamente.

Acredito que o fundamento estrutural desses fatos que descrevi pode se referir, ou melhor, eu mesma me refiro às análises que Lacan fez sobre o discurso capitalista, sobre sua leitura e sua crítica de Marx.

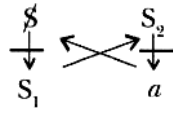


Figura 1: *Discurso Capitalista*[2]

[2] Lacan. *O saber do psicanalista* (1971-1972), (Inédito, aula de 6 de janeiro de 1972).

Vocês vêem que Lacan escreveu esse discurso invertendo as posições S_1 e $\$$, em relação ao modo como estão no Discurso do mestre. Mas essa não é a principal mudança desse matema. O essencial são as flechas, que conformam um circuito fechado em que cada termo é comandado pelo precedente e comanda o seguinte. Isso faz com que vocês possam dizer que o sujeito comanda a cadeia da linguagem S_1, S_2, produzindo os produtos (a), mas vocês também podem dizer que os produtos comandam o sujeito para que ele comande a cadeia que produzirá os objetos que comandarão o sujeito, e assim por diante.

Com isso, pode-se fazer um longo desenvolvimento sobre o fato de que esse circuito fechado suprime o lugar dos demais discursos. Em todo caso, vocês podem ver que o único laço que esse discurso faz é o laço entre o sujeito em falta e os

objetos que Lacan denomina objetos *a*. Sem dúvida, é um laço, mas um laço pouco social, pois não se realiza entre indivíduos. Isso deixa cada sujeito sozinho com suas buscas, buscas estas bem pouco sublimatórias. Nesse sentido, pode-se dizer – mas é preciso refletir se é possível sustentá-lo – que é uma ordem sem Outro, sem grande Outro. Certamente, há o Outro da linguagem, mas a função da linguagem nesse discurso se reduz a um instrumento de mercado, um aparelho a ser produzido pelas ciências e pelas técnicas. Um aparelho, porém, que tanto produz quanto faz consumir, pois é preciso incentivar o apetite. Por isso, digo sem Outro, mas no sentido do Outro barrado.

Sabe-se o que o discurso capitalista quer graças a Freud, que soube destacar a causa, a mais-valia, e a Lacan, que no fundo lhe homenageia. Digo, então, que esse discurso não estabelece laço e é nisso que ele reduz o ser do sujeito ao objeto, já que são esses objetos que causam seu desejo. É por isso, por exemplo, que Lacan diz que "é um discurso que destitui o sujeito e que o destitui de forma bem diferente que o discurso analítico, que o destitui realmente [...]". Na análise, a destituição do fim de análise de que falamos passa pela via dessa alienação artificial que é a transferência e que certamente mobiliza o objeto *a*, mas no campo do Outro. O discurso capitalista sabe que ele reduz o sujeito ao objeto, seja pela via de comentar essa redução ao objeto, seja produzindo cada vez mais sujeitos ejetados dos circuitos de produção-consumo, aumentando os dejetos sociais que existem sobre essas margens. Mas em segundo lugar, de maneira mais geral, fazendo de cada um o que Lacan chamou de "um proletário".

Essa tese está em *A terceira*.[3] Para compreender o que ele cita como "proletário", é preciso ir até o antigo sentido do termo. Ele designava, na Antigüidade grega, os sujeitos mais pobres, que só dispunham de sua força de reprodução e que eram reduzidos unicamente ao estatuto de serem genitores. Quando Marx usa o termo "proletário" alguns séculos mais tarde, refere-se à classe dos trabalhadores explorados, que ele define como "aqueles que têm somente sua força de trabalho para vender". Lacan, porém, redefine o proletário. Segundo sua tese, somos todos proletários, não tendo o termo nada a ver com riqueza. Ele diz: "somos todos proletários, pois ninguém tem algo garantido para fazer laço social". Para fazer laço social – não desenvolverei esse ponto – é preciso não somente o objeto *a*, mas também uma cadeia significante da qual se podem definir os pares: o mestre e o escravo, o professor e o estudante, a histérica e o mestre, o analista e o analisante.

[3] Lacan. *La tercera* (1988).

Marx acreditou que poderia falar do par capitalista-proletário, e é nesse ponto que Lacan o critica e o refuta de uma forma que eu acho bastante convincente, apesar dos anos de simpatia marxista que pude ter. Explico. O que quer dizer o que ele chama de *a ideologia das classes*? Quer dizer que Marx convidava os proletários a recuperar a mais-valia subtraída pelo capitalismo. Toda a teoria da revolução proletária se traduz nisso, não havendo mais que um único desejo ou, mais exatamente, uma única causa de desejo: a mais-valia que foi subtraída de um lado e que se procura recuperar do outro. Não há, então, par capitalista-proletário, o que certamente não acaba com a divisão entre ricos e pobres, e também com a exploração. Mas, enfim, a economia capitalista faz da mais-valia seu princípio único e isso é uma destituição real e generalizada.

A angústia de que o discurso contemporâneo multiplica as conjunturas também não é sem objeto. Ela tem um objeto que, na verdade, possui uma consistência de realidade. Essa angústia entra na fórmula geral produzida por Lacan concernindo à amarração da angústia ao objeto *a*. Voltando ao desenvolvimento que eu fazia, posso dizer que, para cada sujeito em particular e para os sujeitos do capitalismo em geral, a amarração da angústia ocorre em relação ao objeto *a*.

A civilização capitalista produziu a emergência de um objeto *a* generalizado. Isso, contudo, não é uma mudança. Lacan o pôde analisar no momento em que escreveu sua fórmula, mas essa tese nos obriga a perguntar: a que a angústia estava amarrada antes? Se a amarração ao objeto é uma mudança, a que ela estava amarrada?

Na passagem do comunicado sobre o ato que citei, Lacan é bem explícito, ao dizer que "a angústia não é sem objeto". Eu cito: "conseguimos um pouco apreender o que já passa além de um pico". O que começa a emergir, então, na civilização? E a que estava amarrada a angústia até aí? Desenvolvi uma tese que retomo aqui, pois, para dizer a verdade, não vejo outra: a angústia estava amarrada a um grande Outro. E, para situar a mudança na amarração da angústia, poder-se-ia utilizar o título do seminário de Lacan *De um Outro ao outro*, de um grande Outro a um pequeno outro. Lembrem-se que esse seminário é dos anos 1968 e 1969, e é em junho de 1969 que ele fala da mudança na amarração na angústia.

É apaixonante, ao menos para mim, seguir na história da cultura a queda progressiva desse Outro. Quanto mais o grande Outro é consistente, menos há conjunturas de angústia. Creio poder dizer que o Outro é consistente em uma cultura

ou uma civilização em que o discurso sutura o A; quando o discurso preenche ou amarra a questão do enigma e da ameaça do desejo do Outro, quando a cultura constrói um Outro de quem praticamente sabe-se o que quer.

Enfatizei, em um curso que dei há alguns anos, que a angústia do penitente na Idade Média, do cristão dessa época, e a angústia atual do sujeito não têm nada a ver uma com a outra. Diria que o penitente da Idade Média sabia o que esperar. Podemos pensar que era uma crença, pois para ele os profetas durante séculos emprestaram sua voz a Deus para que o pecador e também o castigo fossem precisamente definidos e nomeados. Havia, então, maior possibilidade de pavor que de angústia. Acredito que a angústia se reduzia à iminência do castigo esperado, e é por isso que escrevi um pequeno texto intitulado *O apocalipse ou pior* a partir de um comentário do *Apocalipse*, de São João. Vocês compreendem o sentido do "ou pior"? É que o sujeito pós-moderno, como se diz hoje, perdeu há muito tempo esse Outro que podia ser ameaçador, mas que, em última instância, era-lhe prometido como um Outro de amor. É por isso que eu digo que há destituição quando o Outro é inconsistente, se o comparamos com o momento histórico que evoco em que o sujeito participava do pavor. Atualmente, a angústia participa demais da derrelição.

Derrelição é uma palavra muito boa, mas é preciso encontrar a tradução adequada! Ela designa a sorte da criatura perdida no mundo, sem criador, sem Outro. Quero dizer desamparo, desespero, e não abandono, porque abandono é uma palavra que ainda supõe o Outro. Podemos seguir esse fato na história. Acredito que seu início tem alguma ligação com a emergência da ciência. Começando com Pascal, vai até Heiddeger, passando por Kierkegaard; e é preciso fazer referência também a Lutero ou considerar os meandros da Contra-reforma. Em todo caso, creio que começa com Pascal, de quem eu sempre cito esse verso que gosto muito e que Lacan evoca em alguma parte. Ele diz: "O silêncio desses espaços infinitos me apavora", e compreende-se que a falha já estava presente para Pascal, que era um místico, mas não estava bem certo de que os céus não estivessem vazios. Termino essas considerações mais históricas, mas, em todo caso, Lacan retoma esse fio que vem de Pascal a Heidegger com sua idéia de que a angústia não é sem objeto e surge do encontro com o Outro barrado. Não com o Outro consistente, mas com o Outro barrado.

O paradigma dessa mudança, que eu encontro no espaço da clínica, é aquilo que intervém no que se chama "o pânico".

Vocês sabem que temos a descrição de um pânico freudiano. O pânico que Freud descreve é aquele que intervém quando o chefe, o líder, o *Führer*, esse *um* falha, desaparece. Pode-se aplicar a tese freudiana às crises na psicanálise. A angústia nas crises das comunidades analíticas aparece no momento em que o chefe faz *forfait*, seja porque ele se eclipsa, seja porque ele morre. É uma angústia de desligamento, uma angústia que surge do fato de que um laço social se desfez. Ele se desfaz porque os laços com o chefe desaparecem e, conseqüentemente, o laço entre cada um dos membros também desaparece; então, é o "salve-se quem puder", o um a um imposto. Em outras palavras, trata-se da passagem do *um* mestre ao *um* a *um* imposto.

As atuais crises de pânico, que são tão freqüentes e faladas por todos os psiquiatras, são totalmente diferentes. Não são pânicos. Para começar, não são pânicos coletivos, mas pânicos que se produzem sem o regime do *um* da coesão. Elas se produzem no regime do individualismo capitalista, em que a afirmação mais frequente entre os clínicos é que se trata de pânicos incompreensíveis. Com efeito, constata-se que eles acontecem de forma irregular, inesperada, sem que nada tenha acontecido ao sujeito. Freqüentemente, ele está na rua, no metrô, em qualquer lugar e, de repente, pânico! Trata-se de crises de derrelição em que o sujeito é repentinamente tomado pelo fato de se reduzir a seu corpo. Elas acontecem mesmo que nada o ameace. Todas as ameaças imaginárias do corpo fervilham, e isso certamente não é um signo de psicose, contrariamente ao que alguns afirmam sobre isso. Isso não é o bastante para tomar em análise alguns sujeitos. Percebo, todavia, que alguns sujeitos que procuraram análise em decorrência de uma crise de pânico acabam demonstrando, após um longo tabalho analítico, que havia circunstâncias situacionais. Constata-se que essas crises se reproduzem mais frequentemente em sujeitos para os quais a inserção profissional e afetiva é precária ou inexistente. Nesses sujeitos, observa-se verdadeiramente o afeto do desligamento.

Bem, concluo meu primeiro desenvolvimento que, em resumo, diz que passamos da civilização da amarração da angústia ao grande Outro à amarração da angústia ao objeto *a*.

Chego, então, ao que me interessa mais: a mudança na psicanálise, a mudança na concepção da amarração da angústia para a psicanálise. Penso que, a partir do seminário *A angústia*[4], pode-se ver aparecer uma homologia, mais que uma identidade, com o que eu evoquei para a civilização. Em Freud e mesmo em Lacan até os anos 1960, a angústia se refere essencialmente

[4] Lacan. *O Seminário, livro 10: A angústia* (1962-3).

ao pai. É inútil insistir sobre os temas freudianos, eles são bem conhecidos: o pai porta a ameaça de castração para os filhos, é o núcleo do Édipo e, além disso, o pai de Totem e Tabu é um pai que despoja e faz tremer todos os filhos. Em seu retorno a Freud, Lacan inicialmente não recusa esse laço íntimo que Freud estabeleceu entre o pai e a angústia. Se vocês se lembrarem dos desenvolvimentos de Lacan e de suas polêmicas com seus contemporâneos para distinguir privação, frustração e castração, notarão que culminam na idéia do pai como agente real da castração. Há também o grande tema do laço intrínseco entre o Nome-do-Pai e a lei. Sim, a lei do interdito. Lembrem-se da análise do pequeno Hans que Lacan faz e do que podemos ler aí que diz respeito ao pai de Hans, aquele que não representou suficientemente a lei.

É preciso dizer que todos esses temas continuam a circular no que dizemos com Lacan, e quando eu digo "nós", digo "os que se referem a Lacan". Repete-se isso apesar de Lacan ter se afastado disso. É verdade que, até o fim, ele continua a dizer que é a castração o que se transmite de pai para filho, só que, como ele mudou toda a construção, isso não quer dizer a mesma coisa. Creio que é preciso se dar conta de que há uma virada a partir do seminário *A angústia*. Isso já foi dito e posto em questão! O que é bem marcante nessa primeira tese é o pai como agente da castração desde o início. Fiquei surpresa quando li, e devo dizer que quanto mais eu leio, mais me surpreendo que toda a construção proposta por Lacan sobre a angústia nesse seminário curto-circuita com a referência ao pai. No fundo, ele faz uma dedução da angústia sem passar pelo pai, como havia feito anteriormente algumas vezes ao tentar indicar como tanto o sujeito quanto o objeto *a* são efeitos do Outro, da entrada no Outro.

A	S
$\not{S}$	$\not{A}$
A	zero (0)

Nesse esquema, vê-se claramente que o pai não é citado em suas articulações, apesar de existirem passagens no seminário *A angústia* em que ele evidentemente fala do pai. Vejamos detalhadamente por que é assim.

Em primeiro lugar, o chofar. Há um capítulo sobre o chofar, essa quinta elementar, esse chifre que produz uma quinta musical, enfim, um chofar de verdade! O mesmo chofar que

nas circunstâncias rituais é utilizado para "levar o clamor da humanidade" – belo termo, "o clamor" – que representa a criatura em face de Deus. O que Lacan diz sobre isso? Ele diz: "De jeito nenhum!", o chofar representa para nós a voz como algo destacado, e não é absolutamente para fazer os homens se lembrarem de Deus; seria talvez o contrário, Deus poderia muito bem ter esquecido suas criaturas, isso poderia ser parte do sacrifício, um problema nas falhas do Outro. Essa voz que se deixa ouvir entre Deus e a criatura não pertence ao registro do pai castrador ou do Deus castrador, mas sobretudo ao registo do Deus que esquece e que está em vias de desaparição. Em seguida, neste seminário, há os capítulos que eu intitularia "O pai revisitado", em que se vê Lacan produzir esta frase que surpreendeu seus auditores: "O desejo é a lei". Atentem para a utilização do verbo ser! E então ele explicita: "O desejo do pai é a lei".

Assim, se estivermos muito habituados ao termo "pai simbólico", portador da lei e da castração, diremos talvez que nada mudou. Mas atenção! Quando já havia aprecido o desejo do pai sob a pluma de Lacan? O Nome-do-Pai, depois do início da releitura de Freud, passa a ser um significante, e um significante não tem desejo. Mesmo quando Lacan apresenta sua metáfora paterna, o único desejo presente é o desejo da mãe. Um leitor atento pode assinalar que, nos tempos de *Subversão do sujeito*, há alguma coisa relacionada a isso quando Lacan diz: "O desejo não se motiva pela lei; é o contrário, é a lei que se motiva pelo desejo", e não só se motiva como é motivada. Já se percebe aí que o desejo do pai é a lei. Há inclusive uma balançada geral em relação ao problema da metáfora paterna. Não há dúvida a esse respeito quando ele fala nesse seminário: "o desejo do pai é o desejo sexual do pai". Voltarei a isso daqui a pouco.

Em terceiro lugar, creio que, quando Lacan comenta no seminário *A angústia* diferentes casos clínicos, particularmente o de Lucy Tower, ele, entre outras coisas, faz ver a referência edipiana. É realmente delicioso se tomamos a coisa com humor! Vocês lembram que ele conta um caso em que tenta mostrar que em um determinado momento, no curso da análise, chega a mobilizar o desejo da paciente. O que ele diz então? Que a partir daí se começa a entrar na comédia do Édipo, na qual ela diz: "Foi papai quem fez tudo isso". Ele caçoa disso, falando da análise: "Se ele é castrado, é por causa da lei e vamos brincar com a comédia da lei". Isso chega a ser meio forte, mas serve para nos indicar que a referência ao pai não é especialmente oportuna quando a castração e o desejo aparecem.

Antes de passar ao tema central, que tem a ver com o pai revisitado e que seria a castração revisitada, gostaria de evocar uma passagem que está no fim do texto *Kant com Sade*, em que Lacan se interroga sobre a seguinte questão: "O que haveria nas obras de Sade que nos apresentariam um verdadeiro tratado dos desejos?", a que responde: "Nada!"[5]. Cito de memória: "Violada ou costurada, a mãe permanece interdita", o que quer dizer que a lei do interdito não é o que funda verdadeiramente os desejos como freqüentemente constatamos na clínica. É verdade que os sujeitos tiram proveitos das proibições para sustentar seus desejos, ponto sobre o qual Lacan citou algumas vezes São Paulo: "É preciso a lei para ser imensamente pecador", ou seja, se não lhes proibissem nada, seria muito mais difícil desejar os pecados!

[5] Lacan. *Kant com Sade* (1962).

Em todo caso, a tese de Lacan é que o tratado do desejo não pode ser escrito apenas com a referência ao interdito da lei. Voltarei, então, ao quinto ponto sobre esse tema, a castração, tal qual Lacan a redefiniu a partir do seminário *A angústia*: um corte real que destaca um pedaço do corpo, que, digamos, sacrifica uma parte da satisfação. Aqueles que estavam presentes na universidade, lembram-se que acentuei o fato de que Lacan faz da detumescência do órgão fálico em seu ato sexual a representação paradigmática do que é *o corte da castração*, e que isso se refere a uma *castração* sem agente[6]. Não é por causa do pai, é por causa da subtração real que se opera a partir do reencontro do Outro e, especialmente, da demanda do Outro.

[6] N. do E. Ver o texto *Clínica diferencial da angústia*, p. 26-43 deste número da revista.

Deixando a questão do pai de lado, quero acrescentar alguns pontos ao que disse sobre a angústia em sua relação com o objeto. Lacan utilizou várias expressões utilizadas para caracterizar o objeto *a*, e é preciso observar que nem todas querem dizer a mesma coisa. Há três termos utilizados por ele: "resto", que eu já mencionei, "queda de *a*" e "cessão". Cada um dos três indica coisas diferentes. "Resto" designa a consistência lógica do objeto, o fato de que, no fundo, esse objeto é inescriptível – não é de forma alguma indescritível; ele é impossível de se inscrever no Outro.

Prossigo. No esquema da divisão que escrevi no quadro, em baixo de Ⱥ Lacan escreve Zero (0), e o justifica dizendo que é assim em razão do que chama: "o ponto de falta do significante". Ele insiste: "é uma falta irredutível", o que quer dizer também que o Nome-do-Pai não está inscrito aí. A *queda* e a *cessão* do objeto, então, não querem dizer somente que o objeto é impossível de se inscrever no Outro, mas também que

há primordialmente uma referência à consistência corporal do objeto; uma referência ao que do ser corporal não passa de jeito nenhum para o significante. Mas como vocês vêem, esses termos evocam uma temporalidade, referem-se aos avatares, aos acidentes da libido.

Vejamos o próximo ponto: qual é a função da angústia nessa queda, nessa cessão do objeto? Eu já a mencionei rapidamente, mas podemos dizer que a angústia tem uma função causal. É certo, ao menos, que é preciso situá-la em uma antecedência lógica em relação a esse objeto "causa de desejo". Por mais que Lacan hesite um pouco dizendo "causa de desejo", e não "causa da angústia", é preciso se referir à forma como relê *Inibição, sintoma e angústia*, de Freud. Ele reformula o que Freud chamava de perigo real, fazendo da angústia um sinal de perigo real. Lacan diz explicitamente que "o perigo real é a cessão do objeto, a queda do objeto".

A angústia é primeira, primordial; surgiu em face desse Outro barrado que é, às vezes, um Outro demandador e questionador, e, no fundo, é aí que é preciso localizar o que Freud chama de trauma, o abandono em face do buraco do Outro, o *troumatisme*[7], a falta de recursos em face desse Outro. É essa angústia surgida nesse nível primordial que produz a cessão do objeto. Como deixar de evocar aqui o caso do *Homem dos lobos*. O *Homem dos lobos* é o que Freud diz sobre a resposta pela defecação; o objeto deixado, cedido pelo sujeito, e petrificado, excedido pelo que vê. Lacan aplica a seguinte expressão: "a cessão, o momento da cessão é constitutivo do objeto". Não esqueçam o que citei da função de separação desta cessão, retomada por Lacan nas partes iniciais do seminário, para dizer que o sujeito não é desmamado do ponto de vista oral, mas que é ele que se desmama. No que toca à castração do órgão na relação sexual, Lacan fala que, no fundo do desejo de castração, há sempre a mesma construção: a cessão do objeto. É o recurso contra a angústia primordial que se produz no lugar do A. Ele não é sem objeto, mas também não é sem função na constituição desse objeto.

Com esse esquema, então, podemos conceber facilmente a repetição da situação de perigo primordial e até evocar as cessões típicas para cada sujeito confrontado com a angústia. Onde está o pai nisso? Em nenhuma parte! Se quisermos, poderemos localizá-lo no alto, fora desse esquema, pois, aliás, como termina o seminário? Com o anúncio de Lacan de que falará sobre os Nomes-do-Pai no ano seguinte. Dizer Nomes-do-pai, no plural, já é um questionamento profundo e evidente

[7] *Troumatisme*: neologismo com a junção de *trou*: buraco; e traumatisme: traumatismo.

para o próprio Lacan de que tudo o que ele acabara de fazer havia posto o pai em questão. A prova de que essa questão está em xeque é que ele termina a última lição sobre o problema do pai dizendo: "No próximo ano, eu lhes falarei dos Nomes-do-Pai no plural". Imediatamente após, ele evoca o "mito freudiano do pai", e diz: "o desejo do pai submerge, se esmaga, se impõe aos outros", acrescentando: "isso é uma contradição completa aos fatos clínicos" já que, segundo ele, constata-se que o pai tem uma função de normatização do desejo. Então, "por que manter esse mito?", pergunta-se, para tentar encontrar uma resposta dizendo algo bem interessante: "a manutenção do mito, ao contrário dos fenômenos, talvez esteja aí para nos dizer que, na manifestação do seu desejo, o pai sabe a que se refere esse desejo".

Além disso, ele fala do analista que tem o dever de fazer entrar seu desejo no objeto *a* para poder ser analista, para poder dar sua garantia à angústia do paciente. Por fim, isso não quer dizer que um pai não tenha função, pois já se pode falar dos Nomes-do-pai e do desejo do pai. Digo "já", pois em 1975, no *R.S.I.*, ele fala do desejo do pai. Eis aí a tese de que o pai, no fundo, funciona sobretudo como um modelo, para usar o termo empregado em 1975, mas não no sentido de ser um pai modelo, e sim o pai do *um*; o modelo de *um* pelo qual o desejo é causado pelo obejto *a*. Trata-se, portanto, de um pai singular, e não de um Pai da lei. Paro aqui.

TRADUÇÃO
Maria Célia Delgado de Carvalho

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: A angústia* (1962-3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. (1969). O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 371-379.

LACAN, Jacques. (1975) La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

LACAN, Jacques. O saber do psicanalista (1971-1972). Inédito.

resumo

Nesta conferência, aborda-se a amarração da angústia em dois contextos: o da civilização e o da análise. O discurso capitalista aumenta as conjunturas propiciadoras de angústia, ao reduzir o sujeito ao objeto, destituindo-o de uma maneira totalmente diferente da que ocorre na destituição propiciada pela análise. Neste discurso, nota-se que os laços sociais são frouxos; o único laço possível é entre o sujeito em falta e os objetos produzidos pelo próprio discurso para encobrir essa falta. O discurso analítico também tende à destituição subjetiva; por isso, não evita a angústia, mas mobiliza o objeto *a* no campo do Outro. Em relação a esse objeto *a*, causa de desejo, a angústia tem uma função causal ligada ao "troumatisme"; ao abandono do sujeito em face do buraco do Outro que propiciará o terreno para a queda ou cessão necessária à inscrição no corpo dessa causa como gozo.

palavras-chave

angústia, civilização, discurso capitalista, objeto *a*, *troumatisme*

abstract

In this lecture the anguishes' link is treated in two contexts; civilization and analysis. The capitalist discourse increases the anguish possibilities reducing the subject to the object, dismissing him in a totally different way from the destitution in analysis. In this discourse, we notice that the social bonds are weak; the only link is between the subject in a missing condition and the objects produced by this discourse to cover the subject's missing. The analytical discourse also leads to the subjective dismissal and for that doesn't avoid the anguish; but claims for the object *a*, cause of desire, the anguish has a causal function linked to the *troumatisme*, or to the abandonment of the subject facing the Other's hole that is the opportune situation for the chute or cession that is necessary for the inscription of this cause in the body as enjoyment.

key words

anguish, civilization, capitalist discourse, object *a*, *troumatisme*.

recebido

15/09/2005

aprovado

05/10/2005